



O macaco e a rosa

BETO VIANNA

No início era o verbo, e então veio Guimarães Rosa e esticou, cortou, reduplicou, deglutiou, fundiu, começou o verbo de tal forma e função que qualquer semelhança com o verbo original é mero ato de fé. Isso é notório para o leitor leigo (o casual) como para o sabido (o inteligente), e até para os outros tantos não-leitores, esses que mesmo não tendo gastado qualquer tarde nas letras de Rosa estão perfeitamente plugados nesse big pink affair da literatura brasileira. A pergunta-padrão acadêmica sobre os novos nomes do Rosa sempre foi ruinzinha, mas vou repeti-la aqui pra ajudar na conversa: de onde vem a significação? Traduzindo pra língua de gente, o que há pra se entender e o que se entende na linguagem está: a) naquelas seqüências de letras (e sons e gestos e cheiro e luz...); b) nas bruxarias do próprio Rosa; ou c) na experiência & sapiência dos prezados leitores? Ou, para nos lembrarmos de Chauncey Gardner, é um trabalho de: a) sementeira; b) de jardinagem; c) ou tudo não passa de um compreensível mal-entendido (e Rosa, parafraseando o próprio Criador, viu que isso era bom)?

Essa é uma pergunta antiga até doer na lingüística. Os gregos - sempre eles - já perguntavam: phýsis ou nómos? Cru ou cozido? Motivado ou arbitrário? É briga enorme de sumir nesse vai-te mundo... E o texto do Rosa, que nunca foi bobo nessa área!, é mais uma desculpa pressa antigüice re-florescer (melhor seria dizer cogumelar, como dizem melhor em inglês).

As palavras são objetos (talvez apenas humanos - talvez não apenas: nunca iremos saber ao certo) de uma atividade que é biológica de cima abaixo e de maneira nenhuma só humana, mas é a própria condição de se-estar-vivo: a interação, o viver e o estar juntos, o conversar. Deve ser mesmo que as rosas não falam e decerto a linguagem humana é humana, assim como o cavalo branco do

Napoleão é do Napoleão. Mas a confusão surge quando pegamos uma atividade que é uma relação - e a linguagem tem que ser uma relação - e queremos enfiá-la adentro numa cabeça, numa alma, num corpo, num punhado de letrinhas-juntas. É pela linguagem não estar nas letrinhas que a linguagem do Rosa (ao contrário do que afirmei sobre o Napoleão) não pode ser do Rosa, ou, pelo menos, não pode ser só do Rosa.

Dou exemplo do meu próprio trabalho de investigação (sobre o que não vou encher a paciência de ninguém com detalhe nenhum). Ágda e Dorotéia são duas residentes, mãe e filha, do zoo de Belo Horizonte, presas por terem nascido chimpanzé num mundo demasiadamente humano. Tomavam água em um laguinho agachando-se, os braços bem abertos, apoiados na beirada. Com o tempo Dorotéia passa a fazer esse mesmo gesto, postura de beber água, para convidar a mãe pro laguinho. E a dança roseana dessas chimpanzés não parou aí. De “venhavamos para o laguinho” a palavra (vou chamá-la “aguardo-te-agüi”) aumentou de objeto, e passou a re-significar “venha para onde eu for”. Não é um verdadeiro movimento de-Cordisburgo-para-o-universo o que realizaram as jovens Pan? Não fizeram elas um mundo delas? E pra mostrar que também tenho minhas pós-modernices, não estou também tentando fazer mundo com você (prezad- leitor-) contando esse caso sobre nossas irmãs peludas? Tou, sim.

Significar é um cozinhamento que trata também de ingredientes, e até duma receita-pronta pros que não são chefs ou são cozinheiros de primeira viagem, mas sempre tem de escolher, tem de misturar, e, principalmente, tem de ter um outro pra provar. Acho que a diferença do próprio Rosa é que ele faz sua parte mais rápido, de microwave. Esse processo de significação, que nunca esteve em lugar nenhum antes de vir-a-ser, é mostrado num tornado pelo Rosa,

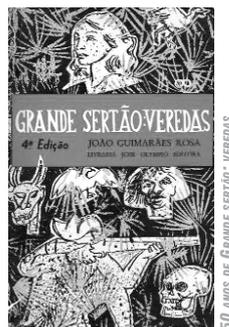
e por isso o espanto, apesar dele cozinhar a língua como sempre se cozinha a língua. Ele mostra o cozinhando enquanto a gente come (ou, pra ser pós-moderno de novo, a gente vê a cara de quem cozinha no sabor da comida).

Fora isso, é pra ser assim mesmo, brincar com palavra é obrigatório nessa dança que estabelecemos uns com os outros. Quase uma lei natural: a lei do mais menos. A palavra tratada com muita sobriedade (mas ela mesma ser sóbria, isso pode) ia ficar murcha, espinhenta, e ela nunca fica, fica? A literatura-poesia é a ribalta dessa traquinice generalizada, não é à toa portanto se os exemplos ali abundam. O Rosa Noel disse “tu tens um coração fififingido”, que lembra os mumumudos do Rosa Guimarães, só que re-falantes em vez de taciturnos (trabalho feito com metria pelo Rosa Bezerra: “toma mais um limão/quiquiquiquiquiqui você fica bão” - o contexto, diga-se, é o rango demorando pra ficar pronto). Já Cartola, que é verde e rosa e cheira o que elas mudas exalam, sempre foi mais tímido no brincar dentro das palavras, mas lindo e novo assim mesmo. Na turma dos comedidos tem também Shakespeare e Gertrude Stein, que escreveram cada um seu tratado sobre a conservação e a mudança no nome da rose. E o time dos desbocados é reforçado pelo lânguido Caymmi, amante das rosas morenas tão rosas a me confundir, que disse que vai de líforme branco, ele vai (é verdade que ele vai só se Anália não for, mas iria ele a alguma parte se não fôssemos junto?).

De volta ao mundo das realidades, dizer que um macaco (ou qualquer outro vivente) não tem linguagem é má literatura e pior história natural, e um dia vamos acabar comendo outro José dos Alves por insistir nisso. Como ninguém vai acreditar num como eu, cozinheiro de baixo-clero, invoco São Guimarães Rosa em minha proteção e defesa. Ele botou no conto Pirlimpisquice “descrevendo”: linguagem-ato, o registro pulsando de vivo, vida convivida. Rosa é sem dúvida um Grande naturalista: naturalistão.

* Lingüista

¹ Mas Rosa, a exemplo dos demais brasileiros, dava suas escorregadelas. Por exemplo, o título de um livro seu cinquentenário sofre de pleonasmão: Grande sertão (sic).



50 ANOS DE GRANDE SERTÃO: VERDADES